“O QUE ME GUIA É A MEMÓRIA. E SÓ”: O FUTEBOL, A PAIXÃO PELO BAHIA E A CATIMBA NAS MEMÓRIAS DE OSÓRIO VILAS-BOAS

"WHAT MAKES ME IS THE MEMORY. AND ONLY ": THE FOOTBALL, THE PASSION BY THE BAHIA AND THE CATIMBA IN THE MEMORIES OF OSÓRIO VILAS-BOAS

José Eliomar Filho[1]

Resumo

No livro ‘Futebol: Paixão e Catimba’, Osório Vilas-Boas expôs seu ponto de vista sobre a forma (repleta de artimanhas para ele, desleal e corrupta para os seus adversários) como fez o Esporte Clube Bahia se tornar o mais popular time do Estado passando a acumular títulos ao longo do período em que esteve sob sua direção. A sua narrativa é classificada como memorialista, pois de maneira livre e parcial, o Autor transforma em palavras o seu olhar sobre o vivido no futebol baiano durante cerca de cinquenta anos. A História critica essa forma de produção documental do passado devido ao pouco cuidado com regras, rituais, métodos que são uma marca registrada da operação historiográfica. O artigo objetiva estabelecer esse confronto de análises entre a obra memorialista e a visão de pensadores como Michel de Certeau e Pierre Nora sobre o valor das memórias para a ciência histórica.

Palavras-Chave

Osório Vilas-Boas – Esporte Clube Bahia - Memórias

Abstract

In the book 'Football: Passion and Catimba', Osório Vilas-Boas presented his viewpoint on the form (full of tricks for him, disloyal and corrupt for his opponents) as did the Esporte Clube

[1] Especialista em História Econômica e Social do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia (FSBB). Professor da rede municipal de Camaçari-BA e da rede estadual do Estado da Bahia. E-mail: jeliomarfilho@yahoo.com.br

Bahia become the most popular team of the State to start accumulating trophies during the period that he was the president. His narrative is classified as memorialist because, in a free and partial way, the author transforms in words his view about he had experienced in the football of Bahia for about fifty years. The History criticizes this form of documentary production of the past because the little care with rules, rituals, methods that are a trademark of the historiographical operation. The article aims to establish this confrontation of analyzes between the memorialist work and the view of thinkers like Michel de Certeau and Pierre Nora about the value of memories for historical science.

Keywords

Osório Vilas-Boas – Esporte Clube Bahia - Memories

Introdução

Fazendo jus ao título do artigo e ao personagem abordado, movido pela sua paixão pelo Esporte Clube Bahia e vivenciadas em décadas de futebol baiano, Osório Vilas-Boas resolveu expor o verbo e o coração na produção de um documento que, até hoje, é a principal referência sobre os bastidores do mundo futebolístico do/a Bahia até o início da década de 1970.

A experiência como jogador, dirigente e mandatário do tricolor baiano fez Osório acumular bons casos que foram narrados no livro *Futebol: Paixão e Catimba*. A grande questão a ser analisada nessa escrita enquanto documento histórico refere-se à forma utilizada para captar as informações presentes no material: memórias. A ciência histórica, principalmente a partir da Escola dos Annales, desenvolveu um forte trabalho crítico perante a produção memorialista, se aprofundando em uma concepção mais voltada para a subjetividade quando se trata de se debruçar sobre fatos passados.

Essa forma mais livre realizada pelos memorialistas e tendo o contraponto do historiador com seus métodos de contato, análise e abordagem das fontes terá, nesse ensaio, o auxílio providencial do pensamento teórico de Michel Certeau e Pierre Nora através da operação historiográfica e do conceito de não-dito.

Será posto em vista a produção narrativa realizada por Osório Vilas-Boas através da sua obra, alvo de interesse e questionamentos, e sendo capaz de moldar

a cultura e o mito no futebol baiano em torno da sua folclórica e temida figura, com a construção historiográfica de operacionalizar o vivido a partir de critérios metodológicos que geraram um molde capaz de influenciar gerações múltiplas de novos cientistas da história.

Parte Um

> *“Em 1973, motivado por inúmeros convites para contar em livro sua vida esportiva, [Osório Vilas-Boas] desfilou conhecimentos ao longo de 136 páginas com o título Futebol: Paixão e Catimba. Ali, [...] confessou como trapaceava em jogos importantes, como subornava juízes, como enganava companheiros dirigentes. Muitos estranharam o conteúdo do livro.”*[2]

Osório Vilas-Boas foi um dos mais importantes presidentes da história do Esporte Clube Bahia. Sua principal marca foi ser o comandante do clube na primeira Taça Brasil (primeiro torneio brasileiro de caráter nacional), em 1959, quando o clube se sagrou campeão ao vencer o famoso e badalado Santos, do Rei Pelé.

Já afastado do clube, na década de setenta, Osório narrou para dois jornalistas baianos[3] suas memórias do que viu, ouviu e viveu no/pelo Esporte Clube Bahia, conforme apontado pela reportagem da revista *Placar*. Como o mesmo confessou (sendo por essa razão escolhido título deste artigo), "*Lamento se não sigo uma ordem cronológica nestas opiniões. O que me guia é a memória - e só*."(VILAS-BOAS, 1973, p. 115). Ele relembra o seu início no clube, como goleiro, depois retornando como dirigente até chegar à presidência em 1954. Porém, segue à risca o que afirmou no trecho destacado: passeia pelos fatos ocorridos e lembrados sem se preocupar com uma cronologia, nos quase quarenta anos de paixão e atuação pelo Bahia até aquele presente momento.

O que fez a fama do livro de memórias, além do próprio interesse e curiosidade que o personagem mobilizava a partir da fama adquirida no imaginário popular dos

[2] PLACAR. **Viagem ao país de Maracajá**. São Paulo: Abril, n. 772, 8 de março de 1985, p. 44.
[3] Newton Calmon e Carlos Casaes.

baianos, era exatamente as suas histórias que ali foram contadas. Os bastidores do futebol que ele viveu, onde deixou evidente no título do livro que pelo Esporte Clube Bahia o mesmo usou de artimanhas, catimbas, malandragens para levar seu clube do coração ao topo, como o fez. A palavra 'catimba', de origem africana adaptada para o português, no jargão futebolístico é comumente utilizada, por exemplo, para um jogador que simula uma contusão, ou que demora para retomar uma partida, ou para um time que atrasa para entrar em campo, ou um capitão que reclama a cada marcação da arbitragem contra seu time. No caso de Osório, sua "catimba" refere-se à sua prática, às vezes, virulenta, outros momentos vista como folclórica, no meio do futebol junto a dirigentes, cartolas, técnicos, jogadores, para de acordo com ele, defender os interesses da sua paixão.

E a sua atuação nesses bastidores foi uma das principais marcas da carreira do dirigente, e justamente no qual seus adversários se apegam a essas artimanhas, consideradas em geral impróprias, para contestar suas tramas no universo do futebol. Paulo Carneiro, ex-presidente do maior rival do Bahia, o Esporte Clube Vitória, em 2000 após uma declaração de ter sido prejudicado no Clube dos Treze[4] por Marcelo Guimarães (então presidente do Tricolor), afirmou que "*ao invés de trabalhar honestamente para conseguir bons resultados, o Bahia continua fazendo armações escusas na calada da noite*"[5]. A reportagem completa que Carneiro comparava Guimarães com o "*falecido Osório Vilas-Boas, ex-presidente do Tricolor baiano nas décadas de 50 e 60, que era famoso por seus métodos que só visavam prejudicar o clube rubro-negro*"[6].

Essa é uma das máximas que perduram até hoje em coletividade no posicionamento dos torcedores do Vitória e daqueles que apresentam pouca simpatia

[4] Entidade formada em 1987 pelos treze maiores clubes do futebol brasileiro, posteriormente ampliada para vinte times com o intuito principal de negociar junto à CBF e à Rede Globo seus interesses políticos e econômicos.
[5] TERRA Esportes, **Presidente do Bahia admite ter prejudicado Vitória**, < https://www.terra.com.br/esportes/2000/11/23/074.htm>, 23 de novembro de 2000. Acesso em: 4 de agosto de 2018.
[6] Ibidem.

pelo Bahia: Osório garantiu diversos títulos para o seu clube através de atitudes pouco ortodoxas e nada leais.

O mesmo também é fartamente lembrado pela frase "*time ganha jogo, campeonato quem ganha é a diretoria*", visto pelos adversários como prova irrefutável e confessa de sua atuação desonesta. Porém, a frase completa termina com "[...] *se souber aplicar contra-golpes e não apenas em relação aos juízes*" (VILAS-BOAS, 1973, p. 110). Ou seja, há muita verdade como também, proporcionalmente, bastante mito em torno da figura de Osório Vilas-Boas no meio do futebol.

A consideração da 'verdade' sobre qualquer personagem dentro da prática histórica não se encerra apenas em um discurso unilateral. O confronto entre as fontes é o que desperta o apetite na busca de entender o que mobilizou ou instigou determinadas posturas e ações em um tempo histórico, quais as problemáticas ali existentes e evidenciadas. Porém, na construção produzida pelos memorialistas, em questão o livro de memórias de Osório Vilas-Boas, esses ritos e métodos geralmente não são levados em consideração, acarretando em comprometer um fato realizado no tempo passado, onde sem um devido cuidado e rigor metodológico pode vir a distorcer determinados episódios.

Parte dois

Pierre Nora em um artigo conceitua a memória como a lembrança que de fato representa a vida, trazida ao longo do tempo no consciente e mantida devido à sua importância pelos agrupamentos sociais. É a memória que se encontra em duradoura evolução, que produz uma dialética entre a recordação e o esquecimento. É a que se mantém viva no presente enquanto há sentido e motivos para ser lembrada (NORA, 1993). E o futebol, enquanto parte sobrepujante da cultura de nossa sociedade permitiu que fatos, lendas, mitos, heróis, vilões tanto fossem recordados quanto olvidados no passar do tempo.

O próprio Autor compara a memória com a história: "*é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] uma representação do passado. [...] A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e*

discurso crítico.” (Idem, p. 9). Sendo intelectual e desprovida de interferências dogmáticas em sua estrutura, a história em sua operação se torna então historiográfica, conforme teorizou Michel de Certeau. A espontaneidade da memória, seguindo livre e sem a organização exigida pelo estudo histórico não cabe dentro dessa operação. François Hartog (1998) comenta sobre essa dicotomia entre contar uma história narrando fatos (técnica adotada pelo nosso personagem relatando lembranças para os jornalistas que editaram o livro) ou contar uma história de maneira interpretativa, essa acolhida pela academia tendo como um de seus métodos mais adotados na operação historiográfica.

Na frase completa do título deste artigo dita pelo nosso personagem, e citada na parte um, ele lamuria não ter uma programação temporal esquematizada. Acaba por desfilar suas palavras sobre a sua vivência no mundo do futebol, se apoiando como a uma muleta, a sua memória que o conduzia a caminho das lembranças e no tatear em busca do que foi esquecido. Mas na operação historiográfica, ao analisar um documento, critérios são indicados para a produção do historiador que estabelecem diferenciações com o trabalho do memorialista. A teoria se faz fundamental para a operacionalização do ofício do pesquisador em história, como também a compreensão e entendimento do seu lugar de fala para segurança na apropriação do tema a ser analisado. Junto a isso, complementamos como o método de análise referente ao procedimento nessa operacionalização. A finalização desse trabalho ocorre com a produção escrita do pesquisador, que se executa revestida pelos seus traços culturais, interesses pelo objeto em mãos a ser analisado/pesquisado.

Em sua narrativa, Osório Vilas-Boas defende o seu olhar sobre a história que vivenciou. É o seu ponto de vista sobre fatos diversos com sua vida imbricada à própria história do Esporte Clube Bahia. Versão esta que diminui ou omite os erros, falhas, infrações e edifica um passado glorioso. O historiador Nataniél Dal Moro pesquisou o desenvolvimento social e econômico do sul de Mato Grosso no início do século passado a partir de discursos e textos impressos produzidos por autores memorialistas. Destaca inicialmente que estes intencionavam construir uma forma de entendimento do passado olhando para os atores envolvidos como arquitetos de

grandes feitos com ações arrojadas, visionárias, portentosas. Ou seja, uma escrita parcial. Rapidamente adverte que “*o conteúdo desses materiais é altamente comprometido com determinados objetivos políticos*” (DAL MORO, 2012, p. 2). O memorialista pode se valer de variadas ferramentas e fontes em sua produção: por exemplo, texto autobiográfico, reforçando sua experiência de vida a partir do que recorda (DOMINGUES, 2011). É o caso do nosso personagem analisado.

Apesar de enfatizar que “*detratores maledicentes*” o acusavam de se promover às custas do clube, Vilas-Boas usou o livro para negar essas acusações de benefício em causa própria. Ele lembra que se elegeu vereador em 1950, quando nem cargo tinha na direção do clube, sendo apenas um torcedor. Mas após entrar na administração do Esporte Clube Bahia, Osório se tornou um ‘bom de voto’: teve atuação parlamentar como edil por seis vezes na capital baiana e uma vez como deputado estadual[7]. Da mesma forma que ao longo da narrativa o ex-presidente do Bahia listou diversos poderosos do mundo do futebol, e da política brasileira, com os quais conviveu e se relacionou, porém sempre destacando que esses contatos tinham por objetivo fazer todos esses esforços em prol da paixão que nutria pelo seu clube.

Osório alegava que seu trabalho era fazer o Bahia se popularizar. Seus feitos pelo clube ressaltou no livro, foram diversos: estar sempre presente nas páginas dos jornais, dando entrevistas nas rádios, conduzindo o time para treinar e jogar no subúrbio de Salvador e pelo interior do Estado visando promover a imagem do clube; como vereador disponibilizou sua cota orçamentária para as finanças do Bahia, além de conseguir o mesmo junto a outros parlamentares; obteve com o governador Régis Pacheco que o time passasse a jogar na recém-inaugurada (porém semi-pronta) Fonte Nova em 1951 para arrecadar mais bilheteria do que conseguia extrair jogando no acanhado Campo da Graça; viabilizou junto ao governo estadual a primeira excursão Tricolor para o exterior em 1957.

[7] Osório Villas-Boas por ter sido cassado dos seus direitos políticos em 1º de julho de 1969 pelo AI-5 só voltou a participar de eleições em 1983. In: ALBA, <www.al.ba.gov.br/assembleia/legislatura-deputado/366>. Acesso em: 8 de agosto de 2018.

De fato, o Bahia se tornou bastante popular tendo Vilas-Boas como seu comandante. Superou o Ypiranga, alcunhado de ‘o mais querido’, que até o início da década de 1950 era o clube das camadas populares da sociedade soteropolitana. Em quatorze anos como presidente do Bahia, ele ganhou oito títulos estaduais e um campeonato nacional. Conforme se vangloriou, Osório tinha a imprensa (jornais e rádios) como um veículo de propagação dos seus objetivos, o poder púbico (governo estadual) que o auxiliava financeiramente para excursões ou lhe ajudando a ter maiores arrecadações e um *casting* de relacionamentos com figuras notáveis da política e do futebol.

Isso lhe conferia um poder diante do lugar social que atuava, objetivando êxito em suas empreitadas. Permitiu enquanto memorialista pintar um quadro altamente positivo para seus feitos e, contando com o tempo ao seu favor, sendo capaz de suplantar possíveis críticas à sua prática ou uma ressignificação da história narrada. Esse lugar social indica o local de produção social, econômica, política e cultural ao qual estamos envolvidos e comprometidos sendo que, o quão poderoso se é nesse espaço, maior será sua capacidade em mover a história ao seu favor tendo a forte capacidade de imposição e manipulação.

A popularização do Esporte Clube Bahia serviria para quem o presidisse, ter um grande prestígio e respeito como também ser temido e odiado. Ao contar no livro que como defensor do governo de Régis Pacheco na Câmara de Vereadores de Salvador foi procurado por um dirigente do Bahia para conseguir que o clube pudesse atuar na recém-inaugurada Fonte Nova em busca de melhores rendas, Osório relatou que o governante o encaminhou ao Secretário de Viação, onde o mesmo ponderou que o estádio ainda não estava pronto. Porém, de maneira “*manhosa*” o então edil reclamou junto ao responsável que “*trata-se de uma determinação de sua Excelência, o Governador!*” e então o encarregado “*liberou o Estádio para jogos do campeonato*” (VILAS-BOAS, op.cit., p. 25).

Parte Três

Relatando suas catimbas na campanha vitoriosa do primeiro título brasileiro do Bahia em 1959, Osório contou que quando o time chegou à semifinal e enfrentaria

clubes do Centro-Sul brasileiro, região que controla(va) o futebol nacional, ficou bastante atento aos juízes que apitariam as partidas.

A pressão sobre eles seria enorme e contra o Vasco da Gama, na primeira partida acontecida no Rio de Janeiro, os jogadores do adversário queriam ditar as regras em campo, o famoso ‘tomar conta do jogo’. No intervalo, Osório mandou um assessor passar o recado ao juiz para que apitasse cumprindo as normas da arbitragem sem aceitar pressões. Surtiu efeito e o Bahia venceu na casa adversária, porém no jogo em Salvador Vilas-Boas reclamou que seu time havia sido prejudicado pelo árbitro (“*Um safado!*”) e sofreu a derrota na Fonte Nova.

Um terceiro jogo foi marcado para o mesmo local e Osório conta no livro que resolveu agir, indo até a Capital Federal na sede da CBD[8] para não permitir que o Bahia fosse golpeado em seus domínios. O então presidente da Federação Paulista de Futebol, Mendonça Falcão, lhe confidenciou: “*Osório, se cair um juiz paulista pode confiar que vocês não serão furtados*” (VILAS-BOAS, op.cit., p. 63). Ele entendeu o recado e usou da sua influência para que a “encomenda” vinda de São Paulo rumasse em direção a Salvador. O Bahia ganhou a partida e se classificou para a final da Taça Brasil e os cariocas, de acordo com Osório, se consideraram roubados. Ele considerava essa análise como choro de derrotado, ressaltando ao presidente cruz-maltino que no Bahia “*não usamos esses métodos* [comprar a arbitragem]. *Você está zangado porque o Vasco perdeu*” (Ibidem, p. 64).

Nas partidas finais contra o Santos Futebol Clube, o Bahia repetiu o mesmo cenário das semifinais: venceu fora de casa e perdeu em Salvador. Osório tinha ciência da melhor qualidade dos paulistas diante da sua equipe e propôs ao presidente santista, Athiê Jorge Curi, que o embate final entre os clubes ocorresse no ano que iniciaria, 1960. As duas primeiras finais foram realizadas em dezembro e Vilas-Boas soube que o Santos tinha acertado uma temporada de jogos pelo exterior entre janeiro e março. Pensou ele: “*fazendo uma excursão agora esses caras vão se cansar, o Pelé pode ser contundido...*” (Ibidem, p. 68). Fez a reflexão correta, pois o time se preparou

[8] Confederação Brasileira de Desportos.

por meses para essa partida e o craque santista não atuou por ter se contundido. Resultado: Bahia campeão nacional de 1959.

Nos trechos do livro citados no parágrafo anterior, como também pode se perceber em outros momentos desse documento, o Autor relatou a sua artimanha para conseguir superar e ser campeão diante de um time muito superior ao Bahia naquele período[9] e sua impressão das três partidas que compuseram à semifinal do campeonato reforçando uma atuação da arbitragem nos dois primeiros jogos que prejudicaram o seu clube e minimizando as reclamações do comandante adversário ("*O Iustrich* [técnico do Vasco] *se considerou roubado pelo juiz. Bobagem dele. O gol de Léo* [atacante do Bahia] *foi indiscutível*." (Idem)). As limitações tecnológicas que não permitiram registros fílmicos em quantidade e qualidade como possuímos hoje de eventos esportivos, nos paralisa na busca da 'verdade' sobre esses fatos narrados. Porém, nos conduz a reforçar a crítica ao memorialismo e nos encaminha no aprofundamento da compreensão de fatos históricos a partir da operação historiográfica.

Seguimos então para a subjetividade e o desconfio dessa visão unilateral sobre um determinado acontecimento. O sociólogo Michael Pollak aponta que *"[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, 'não-ditos'. [onde] As fronteiras desses [...] 'não-ditos' com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques [...]"* (POLLAK, 1989, p.8). Michel de Certeau, em sua análise da prática do historiador a partir do conceito do não-dito, entende que um determinado fato que não é selecionado e desenvolvido na ciência histórica se tornando um objeto deste ramo do conhecimento acaba por terminar no esquecimento para a dada ciência. Pollak completa na citação acima que apesar dessa supressão, as memórias permanecem em perpétua movimentação.

[9] O Santos foi considerado pela FIFA em 2000 o maior time de futebol do século XX nas Américas e o quinto maior no mundo, graças exclusivamente ao período de atuação de Pelé no clube praiano. Entre 1956 e 1974, o clube faturou dois Mundiais, duas Libertadores, seis Nacionais, cinco Rio-São Paulo e onze estaduais. FIFA.COM. **The FIFA Club of the Century**. <http://www.fifa.com/events/playergala00/documents/Club.pdf>, Acessado em: 19 de agosto de 2018.

Observamos esse conceito no discurso narrativo de Osório Vilas-Boas, que usou em seu livro e do lastro poder que possuía para apresentar a sua versão sobre a sua vivência dentro do Esporte Clube Bahia como gestor. Ao de maneira enfática defender seu ponto de vista sobre fatos onde seu clube tenha sido prejudicado e minimizar, suprimir ou folclorizar acusações às suas práticas terminou por reforçar, que memórias opositoras à sua fossem suplantadas pelo seu discurso, mesmo permanecendo no consciente coletivo ao longo do tempo.

Faz parte da memória cultural do futebol baiano, lembrar que Osório ‘aprontou’ várias catimbas, como o mesmo indicou no título de sua obra, para levar seu clube à glória, a títulos. Outra, das muitas famosas histórias que o mesmo narra à sua versão, refere-se à conquista do campeonato estadual de 1967 contra o Galícia. A revista *Placar* em reportagem de Roque Mendes na edição de agosto de 1980 extraiu de um torcedor granadeiro um relato afirmando que: “[Na final do campeonato] perdemos a primeira, ganhamos a segunda e o [juiz] Armando Marques deu o título para o Bahia na terceira.”[10]. Esse trofeu ‘dado’ ao Tricolor é retratado por outro torcedor em um *blog* (uma visão muito propalada até os dias atuais), que se declarou presente no estádio naquela final e denunciando que o árbitro não apitou “um pênalti escandaloso contra o Bahia [e declarou] aos jornais que não atrapalharia a festa do título”[11].

Na sua versão, Osório destacou que propôs a vinda do citado árbitro devido ao seu estilo rigoroso de atuar, o que prejudicaria na sua concepção o time adversário que praticava uma maneira violenta de atuar. Associaram uma fala mencionada ao juiz de que ao perceber a festa da torcida do Bahia na Fonte Nova professou que “quem tem uma torcida desta não pode perder jogo.” (VILLAS-BOAS, op.cit., p. 42). Se apropriando de uma percepção de Michael Pollak onde critica que “o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também da sua organização” (POLLAK, op.cit., p. 9), entendemos que o Autor do livro em questão

[10] PLACAR. **Arriba, Galícia!** São Paulo: Abril, n. 538, 22 de agosto de 1980, p. 11.
[11] MEMÓRIAS da Fonte Nova, <www.memoriasdafontenova.blogspot.com/2010/10/galicia-ec-uma-historia-de-glorias.html>, Acessado em: 18 de agosto 2018.

representa essa memória oficial a partir da aceitação que seu discurso possui dentro do lugar social no qual atuou.

O silêncio das visões antagônicas a Osório é reforçado quando notamos não haver um documento histórico que faça a crítica a essa narrativa desenvolvida pelo Autor. Muito do discurso contra as práticas do ex-dirigente tricolor circulam basicamente em resenhas populares que são repassadas com o passar dos anos e que terminam por manterem vivas essas memórias, sendo naturalmente modificadas, ampliadas, suprimidas, ressignificadas de detalhes, fatos, discursos.

Nataniél Dal Moro traz para discussão em seu trabalho o conceito de "ucronia" proposto por Fernand Braudel, onde uma história ucrônica consiste na reconstrução do passado do jeito que convém ao construtor, muitas vezes inserindo fatos que nunca ocorreram ou embaralhando os acontecimentos ao inverter sua ordem, modificando a sua essência e significado (DAL MORO, op.cit). Essa ucronia pode ter sido produzida tanto por essa 'memória oficial' como pelas 'memórias clandestinas'.

Criar fatos para agigantar feitos ou dirimir a verdade é uma característica muito comum por parte dos memorialistas. É função do historiador conseguir identificar através do embate entre as fontes se essa ucronia é corroborada ou se é possível confiar naquele discurso. A dúvida ao lidar com trabalhos memorialistas está sempre associada a essas brechas em sua produção, que acabam por forjar uma produção não-historiográfica.

É inegável a importância que o livro de Osório Vilas-Boas possui, porém ele se caracteriza por essa dúvida que paira sobre sua produção: justamente por ser ele a fonte crucial da sua obra, o que sua memória apresenta ao seu discurso, e mais nada. A confiabilidade desse material torna-se seriamente comprometido pelos seus interesses em elaborar e construir um enredo positivo para a sua pessoa, e no caso, a da sua paixão, o Esporte Clube Bahia.

Considerações Finais

Essas imposições feitas pelo meio acadêmico podem ser consideradas como uma característica pretensiosa ou presunçosa porém, fazem parte do ritual que cerca

o estudo científico. A proteção ao meio que reveste os rituais e regras da produção acadêmica tem na história o trabalho de Michel Certeau como um importante norteador dessa operacionalização da atividade do historiador, bem antagônico quando comparado aos trabalhos desenvolvidos pelos memorialistas.

A produção feita por aqueles que pesquisam memórias e transformam esse material em documento é considerada válida devido ao resgate que o mesmo executa de fatos passados trazendo à baila temas, que muitas vezes a ciência acadêmica não se interessa, não conhece ou não considera relevantes. A obra de Osório Vilas-Boas é um bom exemplo desse resgate de histórias tendo a autonomia e liberdade de falar o que recordava, convinha, acreditava com toda parcialidade possível.

A busca e o confronto de fontes com a produção memorialista do ex-presidente do Bahia, abre espaço para os não-ditos que divergem, se opõem ao que foi registrado no famoso *Futebol: Paixão e Catimba*. É um início de contato para a academia com uma produção memorial importante para a cultura futebolística baiana e que visa tentar a operacionalização desses fatos de maneira historiográfica, a partir desse rigor que a ciência histórica se pauta.

O que, a meu ver, chama bastante atenção nessa obra de Osório Vilas-Boas foi a coragem de não se preocupar em expor a sua figura nem a da sua paixão declarada, o Esporte Clube Bahia. Como destacou Pierre Nora, a memória “porque é afetiva e mágica [...] não se acomoda a detalhes que a confortam” e para ele a história “é [a] desligitimação do passado vivido [...] trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea.” (NORA, op.cit. p. 9). Ou seja, viver também apenas em torno de normas impostas pelo estudo acadêmico retira a leveza da espontaneidade que é uma maneira, forma de obter uma fonte para o próprio estudo histórico. Se hoje estamos pensando sobre essa forma de enxergar o passado já é prova da importância que as produções memorialistas possuem, porém ainda não adquirindo um caráter científico dentro da História enquanto ramo das ciências humanas.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DAL MORO, Nataniél. **Os memorialistas e a edificação de um passado glorioso**. In: Revista Crítica Histórica. Maceió: UFAL. V. 3, n. 6, dezembro 2012.

DOMINGUES, Viviane. **Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: julho de 2011.

HARTOG, François. **A arte da narrativa histórica**. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Org.). Passados Recompostos. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 193-202, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989. Tradução: Dora Rocha Flaksman.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. Proj, História, São Paulo, n. 10, dezembro 1993.

Artigo recebido em 24/08/2018

Artigo aceito em 19/01/2019